



N.º 183 — Lisboa, 9 de Março



8.º
ANNO
1907

PARODIA

FUNDADOR

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Publica-se aos sabbados
Toda a correspondencia deve ser
dirigida ao administrador da
PARODIA
PREÇO AVULSO 40 RÉIS
Um mez depois de publicado 80 réis

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — L. do Conde Barão, 50

Assinaturas (pagamento adiantado)

Lisboa e provincias, anno 52 num.; 2\$000 rs. | Brazil, anno 52 numeros 3\$500 rs.
Semestre, 26 numeros 1\$000 rs. | Africa e India Portuguesa, anno . 2\$000 rs.
Cobrança pelo correio 500 rs. | Estrangeiro, anno, 52 numeros . . 3\$500 rs.

Nota: — As assignaturas por anno e por semestre acceitam-se em qualquer data;
tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES

Composição e impressão

“A EDITORA,”

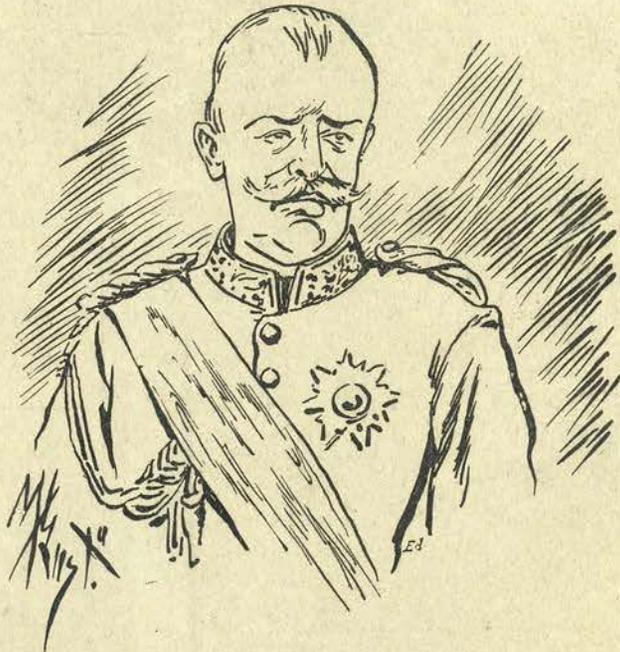
L. do Conde Barão, 50

Ordem do dia

O rei de Saxe

Representante da mais fragil de todas as dynastias reinantes.

Biscuit «tendre».





N.º 183 — LISBOA, 9 DE MARÇO

8.º ANNO 1907

PARODIA

FUNDADOR
RAPHAELO BORDALLO PINHEIRO

Publica-se aos sabbados
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador da
PARODIA
PREÇO AVULSO 40 RÉIS
Um mez depois de publicado 80 réis

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — L. do Conde Barão, 50
Assignaturas (pagamento adeantado)
Lisboa e provincias, anno 52 num, 25000 rs. | Brazil, anno 52 numeros 50000 rs.
Semestre, 26 numeros 15000 rs. | Africa e India Portuguesa, anno . 25000 rs.
Cobrança pelo correio 5100 rs. | Estrangeiro, anno, 52 numeros .. 35000 rs.
Nota: — As assignaturas por anno e por semestre accetitam-se em qualquer data, tein porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES
Composiçao e impressao
“A EDITORA,”
L. do Conde Barão, 50

Má-lingua



Verdadeiro retrato do homem que, na sessão da Sociedade de Propaganda, disse ao chefe do governo — Morra!

Carta a um vinicultor, sobre Almeirim e Alpiarça nas suas relações com a Revolução

PREZADO AMIGO:

Tem chegado ao nosso conhecimento, por intermedio da imprensa periodica, como dizia o pranteado conde de Gouvarinho, a noticia da vasta celeuma que v. e os seus amigos estão levantando n'esta provincia e no paiz em geral, a proposito do que chamaremos generica e disseminadamente — a questão dos vinhos, a qual, parece, pelos modos, transformar-se n'uma irritada questão politica; e aqui está justamente porque tomamos a iniciativa de lhe dirigir esta carta, — porque se nos affigura que a questão politica da questão dos vinhos não é uma questão clara.

N'alguns comicios, com effeito, até agora realizados por v. e os seus amigos, algumas vozes inflammadas appellaram para a revolução.

E' isto certo?

Se é certo, nós perguntamos: a que titulo appellaram os seus amigos para a revolução?

Como revolucionarios, ou como vinicultores?

Se foi como revolucionarios que appellaram para a revolução, é perfeito. Embora haja revolucionarios que tem um medo que se pellam ás revoluções, como aquelle famoso e estigmatizado Felix Pyat, que, segundo se tornou notorio, estava em todas as barricadas que se não batiam, a reivindicação legitima dos revolucionarios é a revolução.

Nós, (deixe-nos dizer-lh'o entre parenthesis) achamos um pouco exorbitantes os individuos que se proclamam revolucionarios, porque um revolucionario que nunca fez uma revolução tem todas as condições para não ser tomado a serio, e ainda estes, quando a tenham feito, não são obrigados a nosso ver, a inscrevelo nos seus cartões de visita; mas, emfim, a revolução está na logica dos revolucionarios e não temos motivos para nos suprehender que elles a incluam systematicamente no plano das suas reclamações

Se Almeirim e Alpiarça pediram a

revolução em nome dos principios está, pois, muito bem; mas se não foi em nome dos principios que a pediram e a pediram simplesmente em nome do seu descontentamento, está muito mal, porque o descontentamento pode fazer desordens, mas não tem o direito de fazer revoluções.

Repare v.

Ou uma revolução é necessaria, ou não é necessaria.

Se é necessaria, a questão dos vinhos não a torna mais imperiosa. Se não é necessaria, a questão dos vinhos não justifica a sua necessidade. Não se faz uma revolução para resolver uma questão — de vinhos.

Não lhe parece?

Objectará v. talvez que a questão dos vinhos vem juntar-se ás tantas outras, de por igual urgente resolução e que as instituições conservadoras se mostram incompetentes para resolver.

Perfeitamente; mas n'esse caso não invoque v. a questão dos vinhos nos seus comicios. Invoque todas. Não invoque Alpiarça, não invoque Almeirim. Invoque o paiz. Não peça uma revolução para salvar a lavoura. Peça uma revolução para salvar — a patria.

V. comprehende. Não se fazem revoluções em nome de interesses de classes. Por esse principio, o genero humano assistiria de vez em quando a um 89 de merceiros, ou a um 93 de fabricantes de calçado. Uma revolução é um levantamento de idéas geraes e interesses geraes. Uma revolução é um facto enorme. E' indispensavel que a mostivem causas consideraveis. V., vossês pedem uma revolução em nome de quê? — De alguns meios quartilhos. E' absurdo.

Peçam, peçam muito embora uma revolução, mas levantem os corações — *sursum corda!*

Depois, as revoluções são generosas, magnanimas, desinteressadas, e que generosidade, que magnanimidade, que desinteresse quer v. que nós attribuamos a reivindicações revolucio-

narias que só se produzem por motivo de interesses lesados e que, se obtivessem o triumpho, só triumphariam para lhes dar reparação?

V., vossês já fallam em deitar abaixo a monarchia e em elevar a republica, porque a monarchia não resolve a seu contento, a questão dos vinhos. Presumivelmente, se a monarchia resolvesse essa questão, v., vossês renunciariam a novas reivindicações

Não é isto?

E' isto.

Ora, isto não apaixona.

Por muito legitimos que sejam os seus interesses, elles só conseguirão apaixonar-nos, quando se associarem aos nossos, se fundirem tão intimamente com os nossos que não sejam já os interesses d'estes, ou d'aquelles, mas os interesses de — todos.

Os viticultores reivindicam o vinho E' pouco.

O vinho tem certamente uma grande importancia social. Essa importancia não vem tanto dos interesses dos que o compram, como dos interesses dos que o vendem. Não importa! Tem importancia. O vinho tem tradições. Já Noé, em plena Biblia, andava aos bordos. Os poetas sustentam que o vinho é preciso á alma. V. conhece o verso.

*Bebamos, quem bebe esquece
As fundas maguas que tem*

A importancia social do vinho não é, comtudo, tamanha que, só por sua influencia, os homens se movam no sentido do progresso, e sendo assim, affirmar a necessidade do progresso em nome de alguns tonneis cheios e exceder os direitos individuaes.

Escute!

Reivindique emdora a revolução. Uma revolução é precisa — para arejar Isto não é um paiz. E' uma casa fechada. Reivindique a necessidade de abrir as janellas, mas faça-o por forma que se não imagine que é só para arejar as adegas.

JOÃO RIMANSO

O Papa e o gramophone

Parece que Sua Santidade o Papa Pio X gosta de ouvir ao gramophone, durante o jantar, seus trechosinhos de musica. E vae d'ahi, um fornecedor americano envia a sua Santidade caixotes e caixotes de discos.

Ora um dia d'estes, um cardeal incumbido de fazer gravar a Sua Santidade o gramophone, meteu á machina um disco cujo rotulo indicava *Cavallaria Rusticana*.



Levava o Papa a colher á bocca, quando o gramophone desata a tocar a *Marselheza!*

O Papa engasga-se, a sopa sae-lhe pelo papal nariz, tudo se levanta, Sua



Santidade excommunga o aparelho, os cardeaes rezam coisas trébundas em latim, e o americano apanhou um d'estes cães... que até o fez des-carrilar!



BICHOS

(Não são para recortar)

Pagina dedicada ao Mimon Anahory



Messenas n'um atelier

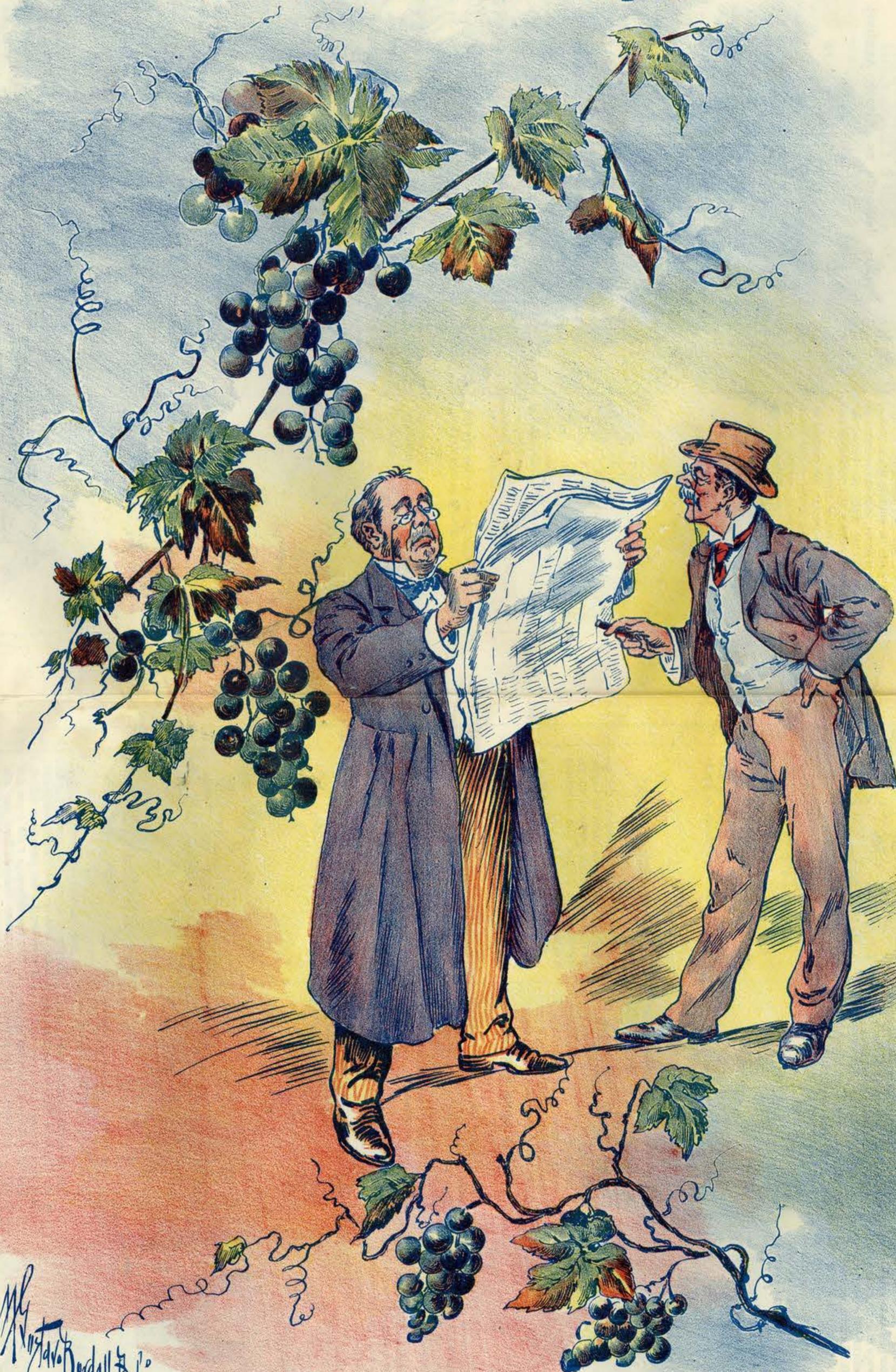


Em casa d'uma cocotte



"No Casino de Paris"

A saída do dr. Feijão



Gustavo Dorvallo

— A situação do governo é de tal ordem que não lhe cabe um feijão no parlamento

Viremo-nos para o Diabo!

A propaganda jornalística entre nós nunca chegou ao esplendor actual. Assume proporções de loucura furiosa. Cada qual lança mão do meio que entende mais eficaz para fazer reclamo á sua gazeta. E nunca as mãos lhes doam, pois cada um deve tratar de si, uma vez que Deus Nosso Senhor não parece muito disposto a tratar de todos como de filhos próprios, mas a uns como filhos e a outros como enteados.

O nosso collega *Portugal* tem um meio originalissimo de fazer a sua propaganda. E' nas egrejas.



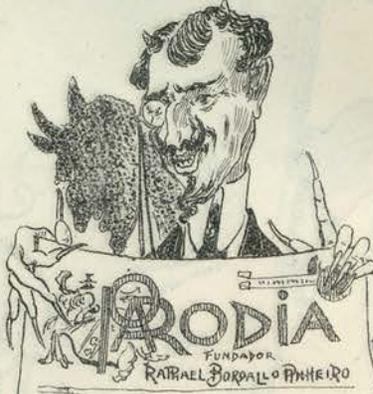
Já ha dias a *Lucta* notava que um padre, na igreja da Madre de Deus, recommendava, ao absolver os penitentes, a assignatura do jornal catholico.

Agora temos melhor: é um reverendo, que em plena igreja do Coração de Jesus, e no meio d'um sermão quaresmal, elogia o *Portugal* com



aquellas palavras de encarecimento com que os caixeiros fallam das fazendas que desdobram sobre o balcão, os seus redactores e collaboradores e pediu aos pios ouvintes um Padre-Nosso e uma Ave-Maria pela saude dos mesmos cavalheiros e nosos ditosos collegas.

Aqui teem a razão porque diziamos não estar Deus disposto a tratar de todos: a sua igreja apenas fez reclamo ao *Portugal*.



Justo é, pois, que tratemos de arranjar reclamo do Diabo que, pelo visto, não é tão feio como o pintam.

Um novo verbo

A um prosador, grande cultor da forma — como agora se diz — deu-lhe para dizer coisas tezas a uma senhora que lhe buliu com as fibras do perfido musculo que é o coração. E entre outras, sae-se com esta:



... quando é certo que, momentos antes, se estivessemos nós, entregar-te-hias egamente aos meus braços, que te attraiam, aos meus olhos que te fascinavam, á minha bocca, que te frenesiava toda implacavelmente.

Não sabiamos que se chamava agora a isto *frenesiar*. Não é feio mas não dá a ideia precisa.

Mas não é d'isso que se trata agora. O que é necessario é que o auctor quando frenesie alguma senhora, e em especial quando a frenesie implacavelmente, não o venha dizer nos jornaes.



Estavamos nós a trabalhar tão desencançados da nossa vida e vem este homem tirar-nos a serenidade precisa. Porque já não somos capazes de proseguir sem um parenthesis de frenesiadella.

Até já...

Fallando claro á França!

A proposito das manobras das esquadras inglezas na bahia de Lagos, *Le Journal*, de Paris, publicou um telegramma de Lisboa que terminava n'estes termos:

«Salvas e *hourrahs*, nada faltou, e Sua Magestade D. Carlos poude ter, por alguns momentos, a illusão de possuir uma esquadra.»

Ha de perdoar o telegraphante mas enganou-se. O sr. D. Carlos não teve a illusão de possuir uma esquadra; ouvindo troar os canhões, o senhor D. Carlos teve a certeza — bem melhor que uma illusão — de estarem



alli tres esquadras promptas a guardar-lhe as costas e as nossas, por tabella, sem ter os encargos inherentes á manutenção dos pavorosos bichos.

Faz sua differença e ahi é que doe ao gracioso franciú. Para que elle saiba. A gente é *toujours gai* mas tem as costas quentes.

Manda dizer isto ao Reillac, ó coisa!

COMPAGNIA DRAMMATICA ITALIANA
TINA DI LORENZO



GIULIA CASSINI



NERINA GROSSE



TINA DI LORENZO



MIRVELA MARAZZI



VIRGINIA DAL MORO



LUIGI CARINI



ELIDE ROSSETTI



ARMANDO FALCONI

S. CARLOS

O Demonio e o Amor de Perdição

Opinião do *Demonio* sobre o sr. Arroyo: *Elle é tudo, até musico.*

Opinião d'um musico: é um grande conselheiro.

Opinião d'um conselheiro: é um grande musico...

Opinião do sr. Arroyo sobre Rubinstein: Pois sim! mas não é capaz de fazer um discurso...



2 MARÇO
1907

AMOR DE PERDIÇÃO

DE JOÃO ARROYO



EMPRESA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

Serviço da Costa Occidental e Oriental d'Africa

ITINERARIO

| | | | | | | | |
|-----------------------|------|-------|-------|-----------------------|-------|-------|-------|
| Lisboa.....(Part.) | 1 | 7 | 22 | Beira | 11/19 | -- | -- |
| Madeira | 3 | 9 | — | Lourenço Marques .. | 14/16 | -- | -- |
| S. Vicente | — | 1 | — | Mossamedes | — | 9 | 22 |
| S. Thiago | — | 14/15 | 28/29 | Benguella | — | 10/11 | 23/24 |
| Principe | — | 23/24 | 7 | Lobito | — | 12 | 25 |
| S. Thomé | 13 | 25/27 | 8/10 | Novo Redondo..... | — | 13 | 26 |
| Cabinda | — | — | 12 | Loanda | 25 | 14/16 | 27/29 |
| St.º Antonio do Zaire | — | — | 13 | Ambriz | — | 17 | 30 |
| Ambriz | — | 30 | 14 | St.º Antonio do Zaire | — | — | 31 |
| Loanda | 16 | 1/3 | 15/16 | Cabinda | — | 18 | 2 |
| Novo Redondo | — | 4 | 17 | S. Thomé | 28 | 20/22 | 4/6 |
| Lobito | — | 5 | 18 | Principe | — | 23 | 7 |
| Benguella..... | — | 6/7 | 19/20 | S. Thiago | — | 1 | 15 |
| Mossamedes | — | 8/9 | 21/22 | S. Vicente | — | — | 16 |
| Lourenço Marques .. | 25/2 | — | — | Madeira | 9 | — | 20 |
| Beira | 4/5 | — | — | Lisboa.....(Cheg.) | 12 | 7/8 | 22/23 |
| Moçambique | 7/9 | — | — | | | | |

VAPORES : Ambaca — Cazengo — Cabo Verde — Angola — Benguella — Zaire — Malange — Portugal — Africa — Loanda — Bolama — Zambezia — Principe — Mindello — Guiné e Lusitania.

Para carga, passagens e quaesquer esclarecimentos, dirigir-se: NO PORTO: aos agentes srs. H. Burmester & C.ª, rua do Infante D. Henrique.

Séde da Empresa: RUA D'EL-REI, 85 = LISBOA

COMPAGNIE

DES

Messageries Maritimes

Paquebots poste français

LINHA TRANSATLANTICA

Para Dackar, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevidéu e Buenos Ayres

Sahirão os paquetes:

Atlantique, commandante Le Troadec, que se espera de Bordes em 18 de março.

Chili, commandante Olivier, que se espera de Bordes em 1 de abril.

Preço da passagem de 3.ª classe de Lisboa para o Brazil 33\$500 réis.

Preço da passagem de 3.ª classe de Lisboa para Montevidéu ou Buenos-Ayres, 38\$000 réis.

Para Bordeaux, em direitura

Magellan, commandante Dupuy Frony, que se espera do Brazil em 21 de março.

Amazone, commandante Lidin, que se espera do Brazil em 3 de abril.

Para passagens de todas as classes, carga e quaesquer informações trata-se na Agencia da Companhia, 32, rua Aurea.

Para passagens de 3.ª classe trata-se tambem com os srs. Orey Antunes & C.ª — 4, Praça dos Remolares, 1.º.

Os Agentes,

Sociedade Torlades

32, Rua Aurea.

Real Fabrica de Louça de Sacavem

Deposito geral R. da Prata, 126 a 132

GRANDE SORTIMENTO EM LOUÇA AVULSO

Variadissimos e lindissimos serviços de jantar, de chá e de toilete.

Preços e qualidade sem rival, igual á melhor louça das fabricas estrangeiras.

Não se deve comprar louça sem primeiro ver a de Sacavem.

Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

SERVIÇO DOS ARMAZENS

Fornecimento de oleo de linhaça

No dia 11 de Março de 1907, pela 1 1/2 horas da tarde, na estação central de Lisboa (Rocio) perante a Comissão Executiva d'esta Companhia, serão abertas as propostas recebidas para o fornecimento de 13.000 kilos de oleo de linhaça.

As condições estão patentes em Lisboa, na repartição central do Serviço dos Armazens (edificio da estação de Santa Apollonia) todos os dias uteis, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde, e em Paris, nos escriptorios da Companhia, 28, Rue de Châteaudun.

O deposito para ser admittido a licitar, deve ser feito até ás 12 horas precisas do dia do concurso, servindo de regulador o relógio exterior da estação central do Rocio.

Lisboa, 16 de Fevereiro de 1907.

Fornecimento de tecidos diversos

No dia 11 de Março pela 1 1/2 horas da tarde na estação central de Lisboa (Rocio) perante a Comissão Executiva d'esta Companhia, serão abertas as propostas recebidas para o fornecimento de tecidos diversos.

As condições estão patentes em Lisboa, na repartição central do Serviço dos Armazens (edificio da estação de Santa Apollonia) todos os dias uteis, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde.

O deposito para ser admittido a licitar deve ser feito até ás 12 horas precisas do dia do concurso, servindo de regulador o relógio exterior da estação central do Rocio.

Lisboa, 18 de Fevereiro de 1907.

AVISO AO PUBLICO

Expedições de Mexilhão para Hespanha

Tendo cessado a prohibição em Hespanha da importação de MEXILHÃO, nos mezes de Janeiro a Julho, previne-se o publico de que serão acceitas para despacho nas estações d'esta Companhia, em qualquer epocha do anno, remessas d'aquelle marisco com destino ás estações das linhas hespanholas.

Ficam pelo presente annulladas as disposições constantes do Aviso ao Publico B. 1475 de 16 de Março de 1906, unicamente no que respeita a expedições de MEXILHÃO.

Lisboa, 1 de Março de 1907.

O Director Geral da Companhia

A. Leproux.

